26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-raciais, Gênero e Diversidades

CINEMA NEGRO BRASILEIRO: DOCUMENTO E ENQUADRAMENTO DA VIOLÊNCIA RACIAL

BRAZILIAN BLACK CINEMA: *DOCUMENT AND FRAMING OF RACIAL VIOLENCE*

Ronaldo da Silva Santos – Universidade Federal de Pernambuco /(UFPE)
Arthur Henrique Feijó de Almeida – Universidade Federal de Pernambuco /(UFPE)
Natalia Francisca Nascimento da Silva – Universidade Federal de Pernambuco /(UFPE)
Erinaldo Dias Valério – Universidade Federal de Pernambuco /(UFPE)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Sob a perspectiva de que o cinema pode ser considerado como um documento audiovisual e uma fonte de informação com potencialidades para construção de novos conhecimentos, este trabalho tem como objetivo geral investigar a dimensão informacional de duas obras do cinema negro brasileiro, Branco sai, preto fica (2014) e A morte branca do feiticeiro negro (2020), para o enquadramento da violência perpetrada pelo dispositivo de racialidade. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, com objetivo exploratório e descritivo, e utilizou-se da análise fílmica de caráter temático. Como resultado, as duas obras analisadas evocam questões fundamentais para o debate das relações étnico-raciais: saúde assistencial e mental à população negra; violência policial; passado escravocrata brasileiro e a herança da branquitude; práticas não violentas de manifestação e denúncia. Conclui-se que os filmes se articulam como dispositivos potenciais para a construção de conhecimentos das relações étnico-raciais, não apenas por via da assimilação das temáticas centrais desses objetos fílmicos, mas também por percepções das inventividades que esse cinema propõe.
Palavras-chave: cinema negro brasileiro; violência racial; análise fílmica.

Abstract: From the perspective that cinema can be considered an audiovisual document and a source of information with the potential to generate new knowledge, this study aims to investigate the informational dimension of two works of Brazilian Black cinema, Branco Sai, Preto Fica (2014) and A Morte Branca do Feiticeiro Negro (2020), in framing the violence perpetrated by the dispositif of raciality. This is a basic research study with exploratory and

descriptive objectives, employing thematic film analysis as its methodological approach. The results indicate that both works evoke fundamental issues for the debate on ethnic-racial relations, including access to healthcare and mental health services for the Black population; police violence; Brazil's slaveholding past and the legacy of whiteness; and nonviolent practices of protest and denunciation. It is concluded that these films operate as potential dispositifs for the construction of knowledge on ethnic-racial relations, not only through the assimilation of the central themes addressed in these cinematic works, but also through the perception of the creative strategies proposed by this cinema.
Keywords: brazilian black cinema; racial violence; film analysis.

1 INTRODUÇÃO

A informação, enquanto produto social, carrega em si o potencial de disseminar valores culturais e ideológicos que refletem a sociedade ao passo que a moldam, seja cristalizando ou reformulando-os. Sob essa perspectiva, enxergamos que as diferentes fontes de informação atuam a partir das intencionalidades dos atores envolvidos na sua produção; assim como o conglomerado midiático é utilizado pelas grandes elites para garantir as hierarquias sociais e a valoração da vida do outro sob o eixo hegemônico (Souza, 2025), essas produções e fontes de informação também podem ser instrumentalizadas para abalar as estruturas que sustentam a lógica de vida no capitalismo tardio.

Judith Butler (2023, p. 28) desenvolve a ideia de *enquadramentos* como artifícios ideológicos que "efetivamente, decidem quais vidas serão reconhecíveis como vida e quais não o serão", que circulam na mídia a fim de estabelecer a hegemonia desses ideais. O enquadramento que distingue quais vidas merecem ser preservadas daquelas que merecem ser obliteradas considera questões interseccionais, como gênero, sexualidade e origem, mas tem a racialidade como maior ponto norteador.

A autora Sueli Carneiro (2023) reflete sobre a existência de um dispositivo de racialidade cujo objetivo é a negação do corpo negro enquanto sujeito, eternamente coisificado, em que a violência — estatal, colonial, física, policial, institucional, epistêmica, simbólica, informacional — se cristaliza, corroborando com o que Achille Mbembe (2018) intitula política de morte ao Outro. Diante disso, o cinema negro brasileiro pode tornar-se instrumento para questionar as narrativas hegemônicas da branquitude, enquanto "põe em xeque o racismo estrutural, ao criar universos que reverberam outras interpretações simbólicas, outras formas de regulação das identidades coletivas e individuais" (Pacheco *et al.* 2023, p. 21). Quando o cinema negro brasileiro se propõe a enquadrar a operação do dispositivo racial, ele subverte o enquadramento branco e inunda o horizonte conceitual

hegemônico, numa "espécie de rompimento perpétuo" (Butler, 2023, p. 26), lançando a luz que nos permita enxergar a operação desse dispositivo e dissipar o assombro colonial.

Considerando a disputa narrativa que envolve os privilégios da branquitude e como essa disputa alimenta a necropolítica, que utiliza atos violentos para realizar a manutenção não apenas desses privilégios, mas do funcionamento do dispositivo que enquadra como subalternos e não dignos de luto o corpo negro, faz-se necessária a construção de um arcabouço informacional — livros didáticos e literários, gravações de áudio, filmes e séries, obras iconográficas — que seja capaz de propor um novo enquadramento do lugar do corpo negro na sociedade brasileira, considerando a violência por ele diariamente enfrentada.

Diante da hegemonia dos enquadramentos que perpetuam a necropolítica e a invisibilização do corpo negro, surge o seguinte problema de pesquisa: como a dimensão informacional do cinema negro brasileiro produz um enquadramento alternativo da violência racial? Dessa forma, temos como objetivo geral investigar a dimensão informacional de duas obras do cinema negro brasileiro, Branco sai, preto fica (2014) e A morte branca do feiticeiro negro (2020), para o enquadramento da violência mobilizada pelo dispositivo de racialidade.

Vale ressaltar que esta pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do Alaye – Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação Antirracista e Sujeitos Informacionais, vinculado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (DCI/UFPE). Assim, nas próximas seções, traremos uma discussão para pensar o cinema no campo da Ciência da Informação, o nosso percurso metodológico para cumprir com o objetivo da pesquisa e, por fim, os resultados e as discussões provenientes das análises dos filmes demarcados como objetos de estudo.

2 PENSAR O CINEMA NO CAMPO INFORMACIONAL

Ao trazermos aqui uma proposta de pesquisa que se propõe a analisar filmes dentro de uma área que tem como objeto de estudo principal a informação (Capurro; Hjorland, 2007), julgamos importante demarcar algumas possibilidades para se pensar o filme cinematográfico no campo informacional, a partir de três noções trabalhadas em nosso campo, a saber: documento audiovisual, fonte de informação e narrativa informacional.

A noção do filme como documento audiovisual pode ser instituída pelas contribuições teóricas desenvolvidas no campo da documentação. Paul Otlet (1937) e Suzanne Briet (2016) já atribuíam a concepção de documento como um fenômeno para além do registro

bibliográfico. Compreende-se, portanto, como um indício ou registro que tem por finalidade a reconstituição e a representação de fenômenos físicos ou intelectuais (Briet, 2016). Sobre esses registros, Paul Otlet (1937) nos diz que são constituídos por elementos materiais, gráficos e intelectuais que correspondem, respectivamente, à forma, texto ou imagem e conteúdo (Santos; Valério, 2025).

O filme cinematográfico, quando concebido no mundo como produto do fazer artístico, é composto por elementos gráficos de imagem e som que possibilitam a veiculação de elementos intelectuais por meio de uma linguagem própria. O campo informacional, ao tratar o filme como documento audiovisual, tem propositado investigações que, de acordo com o mapeamento realizado por Francisco Nascimento e Rogério Suzuki (2024), apontam para pesquisas que têm como centralidade o estudo do cinema como objeto histórico, questões de preservação do patrimônio audiovisual e uma perspectiva mais recente em que se olha cinema sob uma abordagem crítica, a qual pode tratar das questões sociais e políticas (Nascimento; Suzuki, 2024).

Desse modo, por sua materialidade, o cinema pode ser considerado uma fonte de informação documental primária. Independentemente de suas tipologias, as fontes de informação constituem uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento na sociedade. Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Mirian de Albuquerque Aquino (2014) salientam que o conhecimento só pode ser concebido pelo subsídio das fontes de informação. Ou seja, nas suas mais diversas formas, elas se configuram como um objeto portador de informações, e o seu uso potencializa nos sujeitos a constituição de novos conhecimentos.

A apropriação da informação nos filmes cinematográficos constitui uma alteração no estado de conhecimento do sujeito, visto que, como nos elucida Pedro Alves (2020), os contextos, personagens, eventos e o universo que compõem a obra fílmica e que são assimilados e interpretados pelo espectador compõem a transmissão de uma experiência que pode informar sobre uma época, um contexto social, cultural, político, histórico e econômico.

A ideia de cinema como narrativa informacional se refere a uma categoria desenvolvida por Leila Beatriz Ribeiro (2005), em que a autora, ao pensar o cinema como um espaço onde se dão as narrativas contemporâneas, nos diz que, nos atos de recepção do filme, há um fenômeno de construção de novos temas, sentidos, significações e ressignificações que se dão por uma engrenagem chamada de mecanismo de remetimento.

Esta perspectiva de abordar o cinema no campo informacional pode ser enquadrada dentro dos estudos críticos que interseccionam cinema e informação e que a nossa pesquisa também se aproxima, pois prospectamos aqui proposições reflexivas que têm o simbólico e o subjetivo como alicerce para pensar o cinema no contexto informacional. Ou seja, neste bojo, interessa-nos a dimensão informativa das narrativas inseridas no documento audiovisual em detrimento de sua organização e preservação.

Com isso em mente, partimos do entendimento de que a dimensão informacional do cinema reside não apenas no que é diretamente enquadrado e exibido em tela, mas na sua narrativa, estética, sonoridade e na relação estabelecida entre o documento audiovisual e a pessoa espectadora. Para tanto, é preciso observar não apenas o que é dito, mas também como é dito, afinal "todo horizonte é o visível de todo não visível acontecendo" (Castro, 2005, p. 45), considerando a subversão das estruturas narrativas convencionais como um ato informacional em si.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de natureza básica, com objetivo exploratório e descritivo. Por trabalhar "com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32), a abordagem escolhida foi qualitativa. A construção do referencial teórico que mobilizou essa análise se deu a partir de pesquisas bibliográficas realizadas em bases de dados científicas, como a SciELO e a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). Utilizamos análise fílmica de caráter temático, a qual considera o filme como um relato e leva em conta nas discussões apenas o seu tema (Penafria, 2009).

A inspiração para essa investigação e a delimitação do corpus partiram da sessão dupla dessas obras na mostra Cinema e Violência, produzida por Montez e Abílio Alapenha sob orientação de Jyan França e Laécio Ricardo, em cartaz no Cinema da UFPE entre 19 e 21 de agosto de 2025.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Branco sai, preto fica (2014), do diretor Adirley Queirós, embaralha os enquadramentos da ficção e da realidade ao narrar uma história ambientada na Ceilândia,

região periférica de Brasília. No núcleo da narrativa, uma batida policial no baile *black* Quarentão em março de 1986. O resultado dessa batida, o corpo cativa ferida na cena da subjugação (Ferreira da Silva, 2024), tornando-o deficiente sob a mão do Estado. Marquim do Tropa e Shokito, personagens que encarnam o real de seus corpos, estavam no Quarentão naquela noite de domingo — a violência deflagrada pela polícia militar, que os tornou Pessoas com Deficiência (PCD), não é ficção, nem produto da narrativa de Queirós. Os protagonistas tramam um atentado terrorista ao Palácio do Planalto como forma de retaliação pela violência policial e simbólica empregada contra seus corpos, afinal, as vidas precárias que não são passíveis de luto "recorrem ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas" (Butler, 2023, p. 47). Essa retaliação é mais do que uma linha no fio narrativo da obra, mas uma ação responsiva — vingativa até[1] — não violenta[2] ao Estado.

A hibridização entre ficção e realidade — atores reais interpretando a si mesmos — aponta para a estratégia informacional de enquadrar a violência não como um evento distante, mas como uma verdade encarnada do corpo negro na sociedade brasileira (FBSP, 2026). Dessa forma, a vingança mobilizada — tanto na narrativa quanto na própria produção do audiovisual — subverte a passividade do corpo vitimizado, propondo reflexões pertinentes sobre justiça e responsabilidade estatal. A dimensão informacional da obra de Adirley Queirós reside em sua capacidade de tornar visível a continuidade da violência racial, usando a força do testemunho documental para enquadrar a realidade no limite da ficção.

Pouco mais de meia década após o lançamento de Branco sai, preto fica, Rodrigo Ribeiro lança o curta-metragem A morte branca do feiticeiro negro (2020). Nesta obra documental, o diretor realiza um trabalho arqueológico ao utilizar "imagens que evocam memórias do passado escravista de nosso país, alinhavadas por uma sonoridade de ruídos que mais parecem um clamor de dor e angústia, um canto dissonante" (Lessa Filho; Salgueiro

[1] Ver: GARRETT, Adriano. É um filme de vingança declarada, diz diretor de Branco Sai Preto fica. **Cine Festivais**, [*S. l.*], 30 mar. 2014. Disponível em: https://cinefestivais.com.br/e-um-filme-de-vinganca-declarada-diz-diretor-de-branco-sai-preto-fica/. Acesso em: 20 mai. 2026.

[2] Judith Butler (2023) articula a ideia de não violência como uma resposta ética que considera a violência como uma estrutura que se retroalimenta. Assim, se a não violência "parece exigir uma luta no âmbito da aparência e dos sentidos, buscando a melhor forma de organizar a mídia a fim de superar as maneiras diferenciadas através das quais a condição de ser passível de luto é alocada, e uma vida é considerada como valorada ou, simplesmente, como uma vida a ser vivida" (Butler, 2023, p. 255), entendemos a realização de obras como as de Adirley Queirós e Rodrigo Ribeiro como práticas de não violência.

Marques; Vieira, 2022, p. 286) para resgatar uma carta de suicídio de 1861. O autor desta carta é Timóteo, um jovem negro escravizado que almeja a liberdade do além-vida: “A muito tempo que tenho dezejo de não existir pois a vida me hé abborrecida porem não existindo não será mais, pois quem pode viver sem ter desgostos que vá vivendo” (Ferreira, 2004, p. 99).

Jessé Souza (2025, p. 15) aponta que “existem ideias dominantes, compartilhadas e repetidas por quase todos, que, na verdade, ‘selecionam’ e ‘distorcem’ o que os olhos veem e ‘escondem’ o que não deve ser visto”. É por meio desse filtro analítico que atua o dispositivo de racialidade para a construção do Outro. Ideias dominantes articuladas pelo dispositivo da racialidade — como o mito da democracia racial postulado pelos escritos de autores como Gilberto Freyre — contribuem para uma visão turva de como a dominação colonial e o passado escravocrata brasileiro representam um dos períodos mais nefastos da humanidade. A obra de Rodrigo Ribeiro nos lembra que a “preferência pela morte diante da servidão contínua é um comentário sobre a natureza da liberdade em si (ou sua falta)” (Mbembe, 2018, p. 70), afinal, se existir, é o mesmo que ser cativo; a própria noção de mortalidade é alterada.

O trabalho arqueológico apresentado, alinhado a uma práxis de não violência, caminha na direção de restituir a dignidade e o luto que foram negados a Timóteo em vida por meio da informação produzida por ele sobre si mesmo. Conectando passado e presente, usando a arte como um mecanismo de memória e denúncia que preenche as lacunas dos arquivos oficiais construídos sob o dispositivo de racialidade, Rodrigo Ribeiro mais do que conta sobre a violência perpetrada contra o corpo cativo durante o Brasil Colônia; ele nos faz sentir seu eco, informando sobre a profundidade do trauma histórico que nos assombra até hoje.

Se a obra de 2020 resgata “um arquivo, um excerto do tempo da escravidão, portanto, um registro tanto quanto de seu ato – seu suicídio – como das violências imensuráveis exercidas contra sua dignidade e contra sua vida” (Marques; Lessa Filho; Vieira, 2022, p. 290), Branco sai, preto fica (2014) evidencia que a manutenção do racismo estrutural se mantém tão violenta quanto no período escravocrata, mesmo que numa nova roupagem. Agora o dispositivo de racialidade opera por meio da repressão da cultura negra e da subjugação desses corpos. Se a ordem dada durante uma batida policial é que as pessoas brancas devem sair, se evadir — e, consequentemente, a integridade desses corpos deve ser preservada, não só pelos sujeitos que os ocupam/possuem, mas pelo próprio Estado brasileiro —, enquanto

os negros devem ficar — e os que não obedecem perdem partes do corpo e ficam dependentes de cadeiras de rodas — é evidente que a liberdade de existir é tão delimitada quanto há dois séculos.

Considerando que os protagonistas do filme de Queirós passaram a ser PCDs após um episódio de violência promovida pelo Estado, operam sobre eles não apenas um marcador de raça e de classe, mas também de capacidade. A interseccionalidade, como afirma Patricia Hill Collins (2024), considera que os diversos marcadores sociais operam em conjunto pela marginalização e vulnerabilidade dos sujeitos que não dispõem dos privilégios promovidos pela branquitude, pelo heteropatriarcado e pelo capitalismo. A vivência das vítimas-atores que protagonizam a obra permite ao diretor elaborar uma memória coletiva: "afinal, são rastros documentais, corpos mutilados, traumas reais e testemunhos de sobreviventes que estão na origem da ficção" (Mesquita, 2017, p. 6). O atentado ao Planalto — uma das partes outrora ficcionais, se não fosse hoje a antidemocrática que os atos bolsonaristas deixaram na história brasileira[3] — no fim do filme, representa o grito entalado nas gargantas dos que, assim como o jovem Timóteo, não obtiveram justiça ou restituição pela violência empregada contra corpos negros pela branquitude brasileira.

Branco Sai, Preto Fica (2014) e A Morte Branca do Feiticeiro Negro (2020), mais do que enquadrar a violência racial sempre-já empregada contra o corpo cativo ferido na cena de subjugação (Silva, 2024), o fazem por meio de estratégias estéticas e narrativas que nos informam sobre a complexidade do trauma, da memória e da resistência de forma a promover uma alteração no estado de conhecimento do espectador para reconhecer a operação do dispositivo de racialidade brasileiro (Carneiro, 2023) ao longo de séculos e reimaginar respostas não violentas que contribuam para o seu desmantelamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a dimensão informacional do cinema negro brasileiro, podemos observar que tanto a obra de Adirley Queirós quanto a de Rodrigo Ribeiro evocam questões fundamentais para o debate das relações étnico-raciais: saúde assistencial e mental à população negra; violência policial; passado escravocrata brasileiro e a herança da

[3] Ver: CALHEIROS, Orlando. Terrorismo em Brasília é resultado de ação orquestrada há anos. **The Intercept Brasil**, [*S. l.*], 10 jan. 2023. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2023/01/10/terrorismo-em-brasilia-e-resultado-de-acao-orquestrada-em-grupos-pro-ditadura/. Acesso em: 25 maio 2026.

branquitude; práticas não violentas de manifestação e denúncia. Portanto, convergimos aqui com a perspectiva de que as obras do cinema negro brasileiro se articulam como dispositivos potenciais para a construção de conhecimentos das relações étnico-raciais, não apenas por via da assimilação das temáticas centrais desses objetos fílmicos, mas também por percepções das inventividades que esse cinema propõe para a condução dessas narrativas. O cinema negro brasileiro, ao operar como fonte de informação étnico-racial, não apenas denuncia as violências estruturais do dispositivo de racialidade, mas também propõe outros regimes de visibilidade e de escuta para corpos historicamente subalternizados.

As obras analisadas demonstram que a dimensão informacional do cinema ultrapassa a mera transmissão de conteúdos sobre racismo e violência: ele se constitui como uma práxis de não violência ao subverter enquadramentos hegemônicos e ao oferecer narrativas que restituem a humanidade e a agência de personagens negros. O reconhecimento desses filmes como documentos vivos e fontes legítimas de conhecimento sobre relações étnico-raciais implica ampliar o escopo teórico na Ciência da Informação do que se considera como artefato informacional e também como informação relevante para a construção de uma sociedade antirracista, incentivando a incorporação dessas obras em ambientes formais e informais de aprendizagem. O cinema, para além de sua materialidade como fonte primária, mobiliza-se como narrativa informacional que produz e ressignifica conhecimentos sobre os dispositivos de racialidade, operando assim como dispositivo de conhecimento sobre as relações étnico-raciais. Assim, sugerimos que futuras pesquisas investiguem a circulação, o acesso e a apropriação desses filmes em contextos educacionais e comunitários, avaliando como seus enquadramentos alternativos impactam a percepção crítica da violência racial e fomentam práticas informacionais comprometidas com a justiça social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Pedro. Modos de expressão e recepção significantes no cinema. *In*: JORGE, Vítor Oliveira (coord.). **Modos de fazer**. Porto: Universidade do Porto, 2020. p. 335-346. Disponível em: https://ciencia.ucp.pt/en/publications/modos-de-express%C3%A3o-e-recep%C3%A7%C3%A3o-significantes-no-cinema/. Acesso em: 29 maio 2026.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazaré Rocha. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360. Acesso em: 26 maio 2026.

2CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTRO, Manuel Antônio. O mito de Cura e o ser humano. *In*: ROSÁRIO, Miguel Barbosa do (org.). **Calíope**: presença clássica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 37-59. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3735090.pdf. Acesso em: 24 Out. 2026

COLLINS, Patricia Hill. **Intersecções letais**: raça, gênero e violência. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

FERREIRA, Jackson André da Silva. **Loucos e pecadores**: suicídio na Bahia do século XIX. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LESSA FILHO, Ricardo; SALGUEIRO MARQUES, Ângela C.; VIEIRA, Frederico. A morte branca do feiticeiro negro: sobrevivências possíveis de um testemunho liminar. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 283-312, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27789. Acesso em: 29 maio 2026.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MESQUITA, Cláudia. O avesso do futuro: memória, distopia e condição precária em Branco sai, preto fica. *In*: ALMEIDA, Rodrigo; MOURA, Luís Fernando (org.). **Catálogo da Mostra Brasil Distópico**. Rio de Janeiro: Ponte Produções; Caixa Cultural, 2017. p. [XX-XX].

NASCIMENTO, Francisco Arrais; SUZUKI, Rogério Heidy Oizumi. O cinema como objeto na ciência da informação no Brasil. *In*: BASTOS, Dorotea; RIVERA, Jerónimo; MARQUES, José Carlos (coord.). **Movimentos imagéticos**. Lisboa: Ria Editorial, 2024. p. 13-32. Disponível em: https://www.riaeditorial.com/livro/movimentos-imageticos. Acesso em: 29 maio 2026.

OTLET, Paul. **Documentos e documentação**. [Paris]: [*s. n.*], 1937. Disponível em: https://www.conexaorio.com/biti/otlet/. Acesso em: 29 maio 2026.

PACHECO, Emanuele de Souza; *et al*. Cinema negro e educação antirracista. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, v. 5, n. 1, p. 1-29, 2023. Disponível em: https://portal.amelica.org/ameli/journal/654/6544036143/. Acesso em: 07 nov. 2026.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). *In*: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Anais** [...]. Lisboa: SOPCOM, 2009. Disponível em: https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf. Acesso em: 29 maio 2026.

RIBEIRO, Leila Beatriz. **Narrativas informacionais**: cinema e informação como invenções modernas. 2005. 348 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/30/teses/657115.pdf. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTOS, Ronaldo da Silva; VALÉRIO, Erinaldo Dias. O cinema negro de Zózimo Bulbul como fonte de informação étnico-racial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2025. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/938. Acesso em: 29 maio 2026.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Fontes de informação na web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **TransInformação**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 204-212, maio/ago. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tinf/a/ZqYkgZ53cLdStHHKy9RzMhN/?lang=pt. Acesso em: 29 maio 2026.

SOUZA, Jessé. **Brasil dos humilhados**: uma denúncia da ideologia elitista. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2025.